

5

Identidade institucional e excelência escolar

Logo que se ingressa na escola mais antiga do país, o aluno percebe que encontrou o seu lugar.
(Alunos da 8ª série de 2007)

Neste capítulo serão apontados os aspectos da constituição da identidade da Unidade Humaitá II a partir da história singular do Colégio Pedro II e das particularidades identificadas no trabalho de campo.

Presente na imprensa, seja por resultados nos exames sistêmicos²⁶³, seja por destaques dados a ex-alunos ou professores aposentados ou por uma visita do chefe da nação (Getúlio Vargas, Luís Inácio Lula da Silva), ocupa um lugar no imaginário social que extrapola os seus resultados escolares e a excelência do seu ensino.

Outros colégios foram criados antes do Colégio Pedro II²⁶⁴, mas, se considerarmos as características nível secundário, setor público, a finalidade de formar as elites do recém-criado Estado Brasileiro, a adoção de um currículo humanístico, a formulação de um currículo nacional que garantisse a criação de uma identidade nacional, o pioneirismo lhe pertence (Oliveira, 2006). Por isso dele se diz que sua história não pode ser perdida, porque se corre o risco de perder também a memória nacional (Doria, 1997).

Com toda a aproximação que o Colégio sempre teve e tem com os poderes constituídos - até mesmo com a Igreja - ao ponto de ser uma instituição federal de ensino definida constitucionalmente²⁶⁵, o trabalho de campo efetuado na Unidade Humaitá II e o cotejamento dos depoimentos atuais de seus professores, funcionários, alunos e ex-alunos com os depoimentos do século passado, nos faz

²⁶³ O site do Colégio informa que a edição de domingo, dia cinco de julho de 2009, do Estado de São Paulo, tradicional periódico paulista, divulgou o excelente resultado obtido pela 'instituição padrão da educação brasileira', no índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) medido pelo Ministério da Educação a cada dois anos, tendo o Colégio Pedro II obtido o maior índice entre as instituições públicas - 7,2 (4ª série).

²⁶⁴ Antes do Colégio Pedro II foram criados os seguintes estabelecimentos de ensino (para atendimento do denominado ensino secundário) no país: O Ateneu, no Rio Grande do Norte (1825); uma Escola Normal, em Niterói - a primeira de ensino público nesta categoria a ser criada nas Américas (1835); outra Escola Normal, na Bahia, juntamente com os Liceus neste mesmo estado e na Paraíba (1836).

²⁶⁵ Citado na Constituição Federal / 1988 - Título IX/Das Disposições Constitucionais Gerais, art. 242, parágrafo 2º: "O Colégio Pedro II, localizado na cidade do Rio de Janeiro, será mantido na órbita federal", após intenso embate com os que não concordavam com esta inserção.

afirmar que sua identidade está alicerçada nas características dos seus corpos docente e discente e nas suas salas de aula onde um trabalho institucional singular forma o *habitus* do aluno.

5.1

A não dissociação do jovem e do aluno

A diversidade na composição dos alunos da Unidade Humaitá II e o grau de interação dos integrantes desta instituição (incluindo os funcionários) fortalecem a sua cultura, imprimem e mantêm a sua identidade. Depoimentos comprovam que a Unidade investigada não é um lugar de fraca intensidade identitária ou de laços frouxos. Ao contrário, lá os alunos vivenciam um processo socializador total, raro de ser encontrado porque as escolas dissociam o jovem do aluno (Teixeira Lopes, 2008): “*Eu tenho que chegar aqui dez e meia, mas aí eu chego dez horas porque eu fico conversando com o pessoal da manhã*” (aluno do 9º ano da Humaitá-2007).

Quando tomamos contato com as lembranças de ex-alunos, seja do século XIX, XX ou XXI, verificamos que a forma de expressão diverge, mas os sentimentos são os mesmos:

“Lá [no prédio da Unidade Centro] continuo a ir todos os dias, depois que se me abriram em concurso as portas, para ensinar onde me ensinaram. (...) Faz tudo isto, somado, mais de duas dezenas de anos. E não é, propriamente, a extensão no tempo o que mais importa, e sim a intensidade emocional” (Jônatas Serrano in Anuário do CPII, 1944).

“O Internato do meu tempo lembrava a cada passo a alvorada. Na própria cor o casarão cor-de-rosa apresentava o tom sereno das manhãs. (...) Em nossa vida, grande parte, a melhor parte desta vida aí está no casarão querido [casarão do Engenho Velho na chácara do Matta, próximo ao Largo da Segunda Feira]” (...) (Murilo de Araújo, O Jornal, 1937 in Anuário 1944).

“Minhas maiores lembranças são do Colégio, sinto o cheiro, o calor, as risadas, as brincadeiras, os locais que frequentávamos, como se fosse hoje. Canto “Tabuada” em todas as festas” (Marcelo Dias da Costa, 35 anos, estudou no Colégio de 1981 a 1989, Almanaque Histórico, p.156, 2007).

“Sinto muitas saudades da vida que o CPII me deu, da época que só tinha que estudar. Amava cantar na entrada *O Canto do Pajé, O Guarani, o Hino Nacional*. Adorava o encontro de todas as Unidades, o pelotão da bandeira, tudo. Da hora do recreio, das aulas, dos professores, das paredes das salas, do prédio. Mas aproveitei muito, não posso reclamar (Carla R. Polycarpo, 30 anos,

estudou na Unidade São Cristóvão de 1986 a 1992, Almanaque Histórico, p. 156, 2007).

“Na época tínhamos a semana da pátria com a passagem do Fogo Simbólico. Era uma semana cheia de atividades onde cantávamos vários hinos e algumas canções folclóricas. Todas as Unidades se encontravam na Unidade São Cristóvão. Além disso, o pelotão da bandeira representava o colégio em eventos de fora” (Erica R. P. Macedo, 32 anos, aluna de 1985 a 1991, Almanaque Histórico, p.157, 2007).

São depoimentos de alunos que, além de estudaram em épocas diferentes, eram matriculados também em Unidades diferentes (Centro, Tijuca, São Cristóvão, Humaitá). Verificamos, assim, mais uma peculiaridade deste estabelecimento de ensino, que além de sobrepujar o tempo, sobrepuja também o espaço. Não importa em qual Unidade Escolar o jovem tenha estudado, passado e presente se entrelaçam, as demonstrações de identificação com o Colégio se consolidam ao longo da sua história, como vemos no depoimento de um aluno do Humaitá II: “*A gente passa uma boa parte da nossa vida aqui (...) eu gosto muito, eu gosto muito mesmo de estar no Pedro II*” (Aluno do 9º ano/ 2007).

Os alunos do Humaitá II decerto desconhecem os detalhes das declarações de ex-alunos dos séculos passados, o que torna mais significativos seus depoimentos relatados no capítulo sobre as interações interpessoais.

Observamos que os comentários dos ex-alunos têm uma intensidade de emoções: “*a melhor parte desta vida*”, “*minhas maiores lembranças são do Colégio*”, “*sinto muitas saudades*”; mas também recorrem à memória sensitiva, reportando-se aos aspectos físicos: “*Na própria cor o casarão cor-de-rosa apresentava o tom sereno das manhãs*”, adorava as “*paredes das salas, do prédio*”, “*sinto o cheiro, o calor, as risadas*”; e destacam aspectos ligados à tradição e a valores pátrios: “*Amava cantar na entrada O Canto do Pajé, O Guarani, o Hino Nacional*”, “*tínhamos a semana da pátria com a passagem do Fogo Simbólico (...) o pelotão da bandeira*”.

As referências a uma identidade nacional se apresentam nas falas de alunos que estudaram no período regencial, no Império, na nascente República e nos dias atuais: “*O Colégio Pedro II é uma das poucas e das mais belas tradições nacionais*”; “*Venerável Instituto que honra um passado de pedagogia e patriotismo*”; “*Do Pedro II se pode dizer que só morreria se desaparecesse a nacionalidade*”. E outorgavam aos alunos, de forma contundente, os destinos do país:

“Os seus bancos receberam, ainda meninos, aqueles que seriam mais tarde os condutores da nacionalidade; suas salas ouviram o eco das vozes frágeis que se tornariam as vozes defensoras do Brasil” (...) (Gazeta de Alagoas, 1937, Anuário, 1944).

(...) “como filhos úteis à Pátria, obreiros do seu progresso, defensores da sua integridade, visionários da sua unidade, exemplos candentes de civismo da intelectualidade de uma geração nova, culta, desejosa da Paz e felicidade do Amado Brasil” (Oliveira de Meneses, Jornal do Brasil, 1937, Anuário, 1944).

“Sim, eu considero bons momentos os desfiles cívicos. Achava que aquilo era a representação do verdadeiro sentimento de estudar no Colégio. Era muito gratificante estar ali representando o Colégio” (Flávio R. Fernandes, 36 anos, aluno de 1986 a 1990, da Unidade Centro, Almanaque Histórico, p.147, 2007).

Estudantes do Ensino Médio do Pedro II participaram da pesquisa de Emerique (2007)²⁶⁶, que enfocava o alto desempenho acadêmico de alunos matriculados em instituições escolares com amplo reconhecimento social sobre seu trabalho pedagógico. A pesquisadora concluiu que parte do êxito institucional dos colégios particulares que integravam sua amostra se relacionava com “as identidades que essas instituições criaram ao longo de décadas e que estão presentes no cotidiano escolar, dando contorno a seus projetos pedagógicos” (p.327). A pesquisa detectou também que o Colégio Pedro II se caracteriza como uma das instituições públicas que constrói essa relação entre a cultura institucional e o programa escolar – pondo cidadania ao lado do conteúdo. Os estágios, as provas, a participação em olimpíadas, tudo concorreria para formar o jovem cidadão.

Afirmações de alunos do 9º ano da Unidade Humaitá II, ao discutirem a importância da escola, corroboram as indicações da pesquisa citada:

Primeiro você aprende, sabe? Tem aquela coisa de prazo, esse negócio de ter que respeitar os prazos que você tem. Que essas coisas são feitas pra isso. Que é importante saber como tem que tratar o próximo em sala, fazer amigos, essas coisas. [...] Preparar assim no geral pra vida, tanto assim para a formação de cidadão quanto pra estudar.

Eu acho que a escola é uma oportunidade pra você ter uma noção de como vai ser sua vida depois dela. (...) Eu faço parte do grêmio do Colégio, também tem aquela parte, você tem que organizar um evento. Como você vai organizar um evento? Procurar o lugar que é mais barato. Você tem que ir até a Pavuna

²⁶⁶ A autora investigou as percepções sobre educação, trabalho e futuro dos estudantes de boas escolas e com bons desempenhos acadêmicos, entrevistando alunos de oito colégios do município do Rio de Janeiro.

[grifo meu, o aluno aumenta a entonação] *para imprimir um adesivo?! Essa parte é legal! Essa parte de você já ter uma preparação, não chegar de cara [‘tapa no ar’, gesto batendo uma mão na outra] e dar um baque, não saber como fazer.*

A perspectiva de formação do cidadão com valores cívicos não alardeados²⁶⁷, mas naturalmente incorporados em função da história da escola, transmite padrões para a formação de uma identidade petrossecundense presente em todo o Colégio Pedro II. Podemos dizer que uma identidade cultural, constituída ao longo de décadas, forma e distingue as gerações de estudantes que se sucedem nesta instituição de ensino. Para alguns alunos, os fatos marcantes vivenciados no Colégio estão referenciados aos eventos cívicos:

A Unidade Humaitá II não se coloca deliberadamente como um instrumento de transmissão de identidade, tal como ocorre no contexto da escola judaica investigada pelo SOCED, que constrói maneiras específicas para se perpetuar, em virtude da premência de se conservar uma identidade em prol de uma cultura circundante. Como também os alunos não são estimulados a desenvolver práticas marcadas pelo sentimento de diferença (ou superioridade) que tendam a reforçar as diferenças (Mandelert, 2005), apesar de serem apegados a alguns símbolos do Colégio: *“E eu guardo essa primeira camisa. Minha filha não acredita. A camisa tá toda assinada. Eu a levei no dia do reencontro de ex-alunos e as pessoas não acreditam”*. (Fátima Bernardes, jornalista da TV Globo, estudou no Colégio de 1973 a 1977, Almanaque Histórico, p. 130, 2007).

Por estar inserida na rede de Unidades de uma instituição carismática, a Unidade Humaitá II produz uma crença que emana desse sentido fortíssimo de pertencimento presente no Colégio. A marca que distingue o Colégio Pedro II dos demais estabelecimentos, e que se fixa “como uma segunda natureza, na formação, na representação e na prática social” (Mafra, p.116, 2003) daqueles que por ele passam, está preservada na memória da nação porque o Colégio foi fundado para participar da criação de uma identidade nacional.

Cumpriu a tal ponto seu papel de primeiro colégio público, laico, humanitário, propedêutico, formando no curso secundário bacharéis para o

²⁶⁷ Quero dizer que não tive oportunidade de ver os alunos envolvidos em atividades cívicas que remetessem ao patriotismo. O Fogo Simbólico ainda chega na Unidade Tijuca, mas não reúne alunos de todas as Unidades como acontecia até meados dos anos 80 do século passado, na Unidade São Cristóvão. As Unidades I cantam os Hinos Nacionais e do Colégio todas as semanas, com a presença do pelotão da bandeira, mas o mesmo não acontece nos “Pedrões”.

ingresso no ensino superior, que podemos falar em memória e identidade coletivas perpassando as inter-relações humanas, sociais, culturais e pedagógicas dos agentes escolares de todo o complexo escolar que representa.

A trajetória institucional do Colégio Pedro II comprova que “a memória não é um fenômeno de interiorização individual, mas sim uma construção social e um fenômeno coletivo” (Ferreira, 2006) e produz especificidades que refletem no ambiente cotidiano da Unidade pesquisada, onde expectativas, tradição, cultura, linguagem e imaginário são incorporados pelos seus integrantes e transmudados numa distinção publicamente reconhecida.

Na cotidianidade da escola, os alunos interagem com a tradição, com os ritos, com a gestão de símbolos, num processo de “apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar” (Paiva, 2006).

Podemos indagar qual será o sujeito formado por uma instituição onde os alunos estudam os hinos na disciplina Educação Musical, sendo que, antes disso, até o 5º ano, os entoam semanalmente. Crescem então fazendo do momento de se cantar o hino do Colégio, principalmente, um momento de alegria.

E ao chegarem ao 3º ano do Ensino Médio recebem o título de Bacharel em Ciências e Letras²⁶⁸, impresso com letras rebuscadas num convite (anexo 13) que possui também um juramento: “*Prometo respeitar as leis do Brasil e concorrer com zelo e dedicação para o progresso das ciências e das letras em minha pátria*”.

Como está ressaltado no projeto de atualização da Memória Histórica do Colégio Pedro II (reeditada pelo MEC), o Colégio reverencia seu patrimônio histórico entendendo que deve prosseguir como exemplo de uma “instituição escolar que cultua a liberdade e o conhecimento alicerçado em valores a firmar raízes em sua tradição centenária” (Memória, xii, 1997). E como reflete Cavaliere (2008), ao escrever sobre o Colégio: “É evidente que num país de origem colonial, que carece de memória, de autovalorização de sua própria história, a tradição propicia a construção de uma identidade para as instituições. O legado de uma geração à outra, é imprescindível”.

²⁶⁸ Como já foi explicitado no capítulo sobre os agentes escolares, até 1910, os formandos recebiam este título que foi suprimido por decreto em 1911 e restabelecido pelo presidente Getúlio Vargas, em 1937, durante o as comemorações do centenário do Colégio.

Esta proposta institucional se situa num mundo onde as instituições (família, escolas, partidos políticos, igreja) perderam seus monopólios e se mostram incapazes de enquadrar novas demandas (Dubet, 2002).

As concepções mais usuais de identidade pessoal e nacional estariam sendo desafiadas pelas transformações econômicas, políticas, sociais e culturais. O fenômeno da globalização, origem de inegáveis mudanças na produção e no consumo, catalisa o surgimento de novas identidades. As identificações nacionais perderiam parcela de seu poder e mostrar-se-iam menos influentes no processo de construção de identidades (Moreira e Macedo, 2002).

Para Paiva (2006), há uma crise de identidade que desafia a humanidade, a autora refere-se a uma globalização que envolve o econômico, o ideológico e o cultural e que ameaça partes inteiras dos edifícios culturais e sociais.

A proposta deste item não é discutir a chamada “crise da identidade”, que abala os quadros de referência que propiciavam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (Hall, 1997). O objetivo é situar o enquadramento contextual da escola pesquisada, neste momento em que se afirma que as identificações nacionais perderam parcela de seu poder e se mostram menos influentes no processo de construção de identidades.

A sociedade moderna caracteriza-se pelas mudanças rápidas e permanentes, mas constatamos que a Unidade Humaitá II acata e respeita o passado, pois, inserindo suas experiências na sua continuidade, valoriza os símbolos que perpetuam a sua história (idem, 1997) e não foi abalada pela perda do poder das identificações nacionais. Ao contrário, sobrevive sendo prestigiada sem apresentar desestabilização em sua imagem institucional. Seus agentes não estão ‘fragmentados’ e não sentem constrangimento por seu enraizamento em um conjunto homogêneo de valores e de identidades. As identificações globais não estão “deslocando ou apagando” (idem, 1997) a identidade nacional do Colégio.

Constatamos, ainda, que as identidades dos integrantes da Unidade Humaitá II não existem apenas no plano dos discursos políticos burocráticos (Pacheco, 2007). As identidades se fazem presentes nas práticas dos agentes escolares que se respaldam na autonomia dos docentes, na descentralização administrativa e nos projetos encampados pela comunidade escolar. Podemos, inclusive, afirmar que o senso de pertencimento que todo o tempo é demonstrado pelos agentes do Colégio Pedro II e da Unidade Humaitá II, os laços de amizade

iniciados na escola e que permanecem ao longo da vida, a admiração e identificação com o que a escola representa, nos remetem a escola de outros tempos, “das promessas” e “das certezas”, quando a expansão quantitativa dos sistemas escolares associava-se à euforia e ao otimismo (Canário, 2005):

“Os alunos do Colégio Pedro II (entre os quais nos incluímos) sabem que, em todos esses anos a serviço do ensino, existe uma história de contemplação e admiração de cada um que estuda ou já estudou em suas respectivas Unidades. Logo que se ingressa na escola mais antiga do país, o aluno percebe que encontrou o seu lugar” (Almanaque Histórico, p.60, 2007).

5.2

A diversidade enquanto valor institucional

A diversidade na composição do alunado da Unidade Humaitá II foi apontada pelos próprios agentes escolares, contudo, investigação de aspectos históricos do Colégio nos confirma que a composição do corpo docente também não primou pela homogeneidade. Desde março de 1838, após isolarmos a qualidade acadêmica, verificamos que as salas de aula do Colégio contam com interessante dessemelhança entre os seus docentes: monges beneditinos²⁶⁹, anarquistas, militares, poetas, filósofos, romancistas, etc.

Quanto aos discentes, a diversidade na composição deste grupo iniciou-se na mesma época. Analisando-se a listagem dos primeiros 91 alunos do Colégio, matriculados no ano de sua fundação (1837), constatamos que 70 eram nascidos na corte. Dentre os 21 restantes, cinco eram oriundos do Rio Grande do Sul, nove de outras localidades do Rio de Janeiro, três de Minas Gerais, dois de São Paulo, um de Mato Grosso e um de Moçambique. Havia, ainda, 11 alunos gratuitos²⁷⁰.

O Colégio Pedro II recebeu, ao longo de sua história, alunos de origens diversas (provavelmente esta diversidade se faz mais presente nos tempos atuais): desde o neto do Imperador, o príncipe D. Pedro Augusto (que se bacharelou em 1881), ao professor Walter Cardim, paraninfo da turma de bacharéis do centenário, que órfão e pobre teve “a ventura de ser admitido como aluno gratuito do Internato” (Anuário do CPII, 1944), até “a menina pobre do subúrbio e a moça rica de Copacabana” (...) que “sentam-se no mesmo banco de estudos e partilham

²⁶⁹ Um bispo português foi o primeiro reitor do Colégio, o franciscano Frei Antonio de Arrábida.

²⁷⁰ Pelo Decreto de 2/12/1837, o Colégio poderia admitir até 29 alunos gratuitos.

dos mesmos sonhos” (Anuário, op.cit.). E mais recentemente, o ex-aluno José Roberto Julianelli, 48 anos, formado em 1975 e professor do Colégio:

“Para mim, inesquecível foi a 3ª série, quando, na formatura, fiquei sabendo que eu era o aluno com as melhores médias em todas as matérias. Afinal, eu vinha lá da Baixada Fluminense, me esforçava muito para tirar boas notas e esse prêmio foi uma grande recompensa pela minha dedicação! Além disso, tenho muita gratidão pelo Colégio por tudo que aprendi e por ter passado no vestibular na UERJ, para o curso que eu queria, logo na primeira vez que fiz o concurso” (Almanaque Histórico, p. 121, 2007).

Os professores do Humaitá II afirmam que a diversidade na origem do alunado e a integração que existe entre eles são os vetores para seu desempenho e para a qualidade de ensino da Unidade. Acrescentam que não encontram esta característica em outro estabelecimento. O que nos faz refletir que, apesar de a imagem do Colégio - forjada ao longo de quase dois séculos - atrair as elites culturais, artísticas e econômicas para a instituição, o prestígio da Unidade Humaitá II não se apóia na estrutura de capital da sua clientela. Tal afirmação se baseia no aumento do percentual de alunos concursados cumprindo o percurso escolar oferecido pela escola e no rendimento médio da escola auferido pelo IDEB.

Além do processo de sorteio de vagas, identificamos na adoção de cotas sociais com reserva de vagas para alunos egressos de escolas públicas, uma dinâmica pautada no princípio da equidade porque propiciou uma miscigenação social e acadêmica na composição da escola sem repercussão negativa nos seus resultados (Emerique, 2007).

Um conjunto de fatores intraescolares (estabilidade, mobilização e qualificação dos docentes, condições de trabalho e remuneração acima da média) aliado às características da clientela e à história e tradição do Colégio Pedro II conformam um clima pedagógico positivo que vem diminuindo o impacto da origem social do aluno em seu aprendizado.

Numa realidade em que a escola é acusada de não conseguir ensinar, de não promover a aprendizagem, vivenciamos a configuração particular de um estabelecimento de ensino, onde os alunos com menores vantagens sociais têm acesso ao saber sistemático, apossando-se de padrões cognitivos e formativos e partilhando de uma identidade de distinção e de um forte sentido de afiliação.